

Quem tem Tempo para Preservar o Contemporâneo?

Reflexões e Remontagens

Carolina Lewandowski

Resumo: Será que realmente há espaço para as preocupações com o futuro das obras de arte contemporânea produzidas na Escola de Belas Artes (EBA-UFRJ)? O tão jovem curso de conservação e restauração, na EBA-UFRJ, parece ainda estar preso no imaginário de uma lida profissional voltada para o passado clássico, quase como remontando romanticamente as origens da antiga Academia Imperial de Belas Artes (antecessora da então Escola). Isso representa a contramão da corrente que impregna os demais cursos da Escola, que apresentam, entre suas produções, significativo interesse nos trabalhos de arte contemporânea. Quando as partes de uma mesma engrenagem não estão bem ajustadas, a máquina toda entra em mal funcionamento.

Palavras-chave: Conservação e restauração; Escola de Belas Artes; Arte Contemporânea;

Carolina Lewandowsk

Pós-graduanda Lato Sensu em Patrimônio Cultural, no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Bacharel em Conservação e Restauração da Escola de Belas Artes - EBA da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

Contato: carolinalewandowski@gmail.com

É preciso se preocupar com a preservação de uma obra de arte “nova”? Conservação e restauração são duas palavras que, automaticamente, nos evocam a imagem de um profissional, com um swab em mãos, retirando um verniz muito antigo de uma belíssima pintura tradicional e devolvendo a ela toda sua vitalidade e esplendor de outrora, certo? Talvez essa imagética desempenhe o mesmo papel simbólico do estetoscópio para o médico, da tesoura de poda para o jardineiro e assim por diante: nos resume uma pré-concepção do *modus operandi* daquela atividade. “Não deixar envelhecer”, “arrumar o que estragou”, “deixar como novo” ... esse conjunto de frases, frequentemente, vêm como um acompanhamento de um prato (e há alguns problemas conceituais no cerne destas expressões, porém não é a pretensão alongar-se sobre teorias da CR, tomemos elas agora pelas impressões que nos evocam). Quando ouvimos estas expressões, não significa total negligência de nossos conhecimentos gerais - são apenas frutos da falta de popularização e conhecimento comum sobre a profissão (e aqui entra um dever de todos nós desta área, tentarmos contribuir para o crescimento do cenário compreendido pela sociedade quanto à CR). Em se falando de salvaguarda e preservação de uma obra de arte (quando e se este assunto é mencionado), somos magneticamente atraídos a pensar nas formas tradicionais de arte recebendo o tratamento do profissional. É raro que façamos uma conexão direta entre a ideia de preservação e arte contemporânea, já que, nos é mais natural entender a arte contemporânea sendo esse todo mutável e variável em suas possibilidades de expressão.

Em comparação retrospectiva, a arte contemporânea vem melhor aceita e, quando observamos a trajetória da EBA-UFRJ como instituição educacional, fica ainda mais saliente aos olhos o quanto esse movimento é expressivo. A Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro começou sua jornada como AIBA- Academia Imperial de Belas Artes, em 1816. Após a Proclamação da República, em 1890, passou a se chamar ENBA - Escola Nacional de Belas Artes. Somente em 1965, ganhamos o nome EBA-UFRJ. Pela trajetória institucional, percebe-se que a pedra angular da edificação da escola foi através das artes tradicionais do período imperialista e não é de se surpreender quando muitos modos do período ainda estão presentes na Escola. Com o passar dos anos, a EBA fez seu rumo na produção artística brasileira, podendo-se dizer hoje que as expressões artísticas contemporâneas ganharam bastante espaço na instituição entre professores, programas de disciplinas e interesse dos alunos. Há uma quantidade expressiva de alunos, dos mais variados cursos que a Escola oferece, que vêm buscando ampliar seus horizontes artísticos com experimentações sem

receitas prévias, deixando as artes tradicionais não com menor importância a seus olhos, mas como apenas não sendo a mais importante dentre todas elas. Nisso se encontra um nicho de liberdade de expressão e criação artística incrível, onde alunos artistas desenvolvem e recriam seus mundos e habilidades. Esse é o andamento geral entre os estudantes e professores da Escola, enquanto o curso que forma aqueles que trabalharão com a salvaguarda e preservação destas obras no futuro (e presente) ainda é deveras tímido em seus avanços na direção contemporânea. A Escola mostra um descompasso considerável entre aqueles estudantes que produzem suas criações e aqueles estudantes que trabalharão com os produtos dos primeiros. Se no ambiente geral a arte contemporânea vem conquistando espaço, não se pode dizer que ocorre o mesmo com ela no campo do ensino acadêmico da conservação e restauração da referida Escola. É como se as palavras-chave da profissão (conservação-restauração) já definissem automaticamente a temática dos objetos a serem trabalhados: a tradição, o que é clássico, o que perpassa os tempos de forma inquestionável. Isso não ocorre apenas para quem está fora da área da CR, também é frequente que seja a imagem geral que povoa os pensamentos e desejos daqueles estudantes que recém ingressados ao curso. É um desejo de, literalmente “Belas Artes” com B maiúsculo, de devolver a beleza, de uma obra, que se perdeu no decorrer dos anos. É um imaginário de higiene e organização, molduras barrocas e pedestais. Logo descobre-se que não há, para todos, grandes pinturas e esculturas tradicionais esperando para serem “restauradas” como se imaginava. De novo, não é uma “culpa” do estudante, é apenas o produto que nosso imaginário social evoca quando o nome “Belas Artes” surge. Como bacharela em CR, pela EBA-UFRJ, formada há menos de um ano, posso falar destas impressões e expectativas com um bom nível de clareza e vívida lembrança do que presenciei em meus colegas. Concluí os estudos sendo monitora, em outubro de 2021, de disciplina do curso e lembro que os alunos mais pasmos ficam quando descobrem que uma pintura de 1900 pode estar melhor estabilizada do que uma obra contemporânea que utiliza-se de diversas materialidades conflitantes em sua composição. Não lhes é claro se o que veem é um amálgama de materiais da obra e seu resultado de interação entre si ou se “aquela parte” é uma alteração cromática a ser diagnosticada para então seguir com os devidos procedimentos. Dado o estado de choque que os ingressados no curso são colocados a se deparar, o bacharelado da CR-EBA-UFRJ parece se apiedar dos estudantes e dá enfoque às artes tradicionais durante o período de formação oferecido.

O BACHARELADO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DA ESCOLA REPRESENTA UM OXÍMORO:

É um dos cursos mais jovens, porém também um dos mais tradicionalistas/conservadores/saudosistas em seu exercício. Aqui a avidez pelo novo não vem. E o novo, sempre vem. Qual o prejuízo disso e a quem isso diz respeito? A clara dissonância entre a produção artística da escola (que vem se inclinando ao contemporâneo, segundo os trabalhos dos alunos) e os estudantes de conservação e restauração em suas disciplinas cria um déficit na capacidade de ler o entorno social e de adequar-se às demandas de trabalho. Um bom exemplo disso é que, entre uma razoavelmente encorpada lista de laboratórios do curso CR, ainda hoje, não foi criado um laboratório para que se pense na preservação da arte contemporânea em específico. As justificativas são muitas: falta de espaço, falta de equipamento, falta de verba, entre outros. A questão é: desde o incêndio de 2016, no prédio da reitoria, todas estas faltas estruturais nos acometem dia após dia e ainda assim, de alguma maneira, conseguimos seguir em frente iniciando e concluindo novos projetos, construindo novos métodos, adaptando situações. Então, aqui retornamos ao tópico principal: quem tem tempo para a preservação da arte contemporânea? E não, de forma alguma, falo como se os problemas estruturais e administrativos da Escola não fossem sérios - porque o são. Sofremos sucateamento de recursos financeiros para o ensino na Escola, somos surpreendidos a todo momento com notícias como “Corte de verbas gera risco de UFRJ fechar por acúmulo de lixo, diz reitora” (notícia do site Uol, dia 04.06.22), entre outros deficitários. A readaptação das aulas presenciais, acontecendo agora no ano de 2022, é outro fator que preenche a agenda da Escola longamente. Se anteriormente à pandemia já não se parecia haver tempo para pensar criticamente sobre a preservação da arte contemporânea no curso CR, agora parece ser impossível, mas não menos urgente. O fato é que, quando se trata desta Escola, mesmo em situações em que não envolvem as complicações de uma pandemia, nós sempre teremos “o problema da vez”. De alguns anos para cá, o acontecimento de um incêndio entre os prédios da Reitoria e Faculdade de Letras é quase tão certo como o Natal (e é com a maior das tristezas que escrevo essa linha). Sempre estamos com demandas que somos obrigados a nos adaptar e continuar funcionando.

Então, mais uma vez, quem tem tempo para pensar a preservação de arte contemporânea dentro da Escola de Belas Artes (UFRJ)? Os discentes de CR, talvez, deveriam prestar muito mais atenção nesta questão do que parecem julgar necessário. Há tanto que passa despercebido aos olhos dos estudantes, em um compasso tão acelerado que é de se temer que venhamos a nos formar profissionais desatualizados desde o momento em que segurarmos o diploma em mãos pela primeira vez. Como um conservador-restaurador insere uma obra NFT em uma coleção que acabou de adquirir? Como se dará seu plano de gestão de acervo com a nova adição do colecionador? Não temos como tirar o verniz, usando um swab, e revelando uma bela obra de arte embaixo da camada de código envelhecido (pois não há tal situação). A preservação da arte contemporânea, do que acontece no mundo hoje - do que é nosso presente, nosso futuro e, em breve, nosso passado exige que não nos furtemos mais de encarar que a nostálgica conservação e restauração dos ateliês existe, entretanto deixou de ser a mais adequada. Mesmo que o profissional de CR vá trabalhar apenas com as ditas pinturas clássicas, a paleta de retoque, os pigmentos, o cavalete e a lupa não cumprem a missão endossada nas convenções internacionais sobre a ética da conservação e restauração. É preciso perceber que nosso local de trabalho é um laboratório, em todos os sentidos. É preciso que nossos exames diagnósticos nas obras possibilitem que o organoléptico seja apenas preliminar, podendo acessar recursos que indicarão qual o procedimento ou condições de acondicionamento a obra precisa. É imperativo perceber que a arte do museu virtual não pode ir para lugar algum qualquer depois que a página da web é fechada, ela não necessita higienização e nem cuidados especiais para não a manusear de forma inadequada: onde entra o profissional de CR nessa situação? Ele deixa tudo nas mãos dos profissionais dos bancos de dados e programadores? Veja, não é uma questão sobre eles não serem capacitados a como lidar com obras de arte feitas de dados, é sobre nós. Não precisamos aprender todos os conhecimentos tecnológicos específicos destes profissionais e tomar este papel para nós. É ainda mais simples (ao mesmo passo que mais complicado) que isso - é uma questão de nós não estarmos a par da melhor forma para o gerenciamento dessas informações, fato que afeta o inventário de uma coleção, afeta como escreveremos o histórico da obra em sua ficha de conservação, o cálculo de um seguro para o empréstimo de uma obra de natureza virtual, entre outras tantas situações.

O museu virtual também é um museu e uma realidade em expansão, você saberia trabalhar nele como trabalha no museu físico? O que a conservação e restauração têm a contribuir nestes espaços virtuais? Você conseguiria pensar em uma pequena lista de itens respondendo esta pergunta, para além dos supracitados? Você tem tempo para pensar sobre esse conjunto de mudanças, imensamente rápidas, que aconteceu no mundo, contando de dois anos para cá? Como continuar com as mesmas estruturas educacionais se o mundo e seus habitantes não são mais os mesmos e não se relacionam da mesma dinâmica característica do cotidiano de uma época que acabou? O mundo pré-pandêmico não existe mais. Essa não é uma frase com intenção apocalíptica ou dramática, é uma constatação. Nós continuamos aqui, vivendo, resistindo e nos adaptando à nova época que vivemos. Mesmo que o vírus seja completamente apagado do mundo, o advento da pandemia é indelével e ele deixa suas heranças.

É, precipuamente, nestas horas que a Academia tem a função de proporcionar ambiente para que estas transformações sejam assimiladas, da melhor forma possível, e que possa trabalhar com elas à medida que venham se desenrolando. Não há mais tempo de esperar ter tempo. O tempo está. Nós estamos. E o que nós fazemos? A conquista de um laboratório específico para a preservação de arte contemporânea dentro da EBA já deixou de ser um desejo de alguns e passou a ser uma necessidade negligenciada do coletivo dos alunos que fazem parte do programa de formação do curso. Sua criação é o primeiro passo para que possa se estruturar as bases com as quais operará durante seu funcionamento. Já passamos por períodos (incêndio de 2016 no prédio da Reitoria) onde os alunos recebiam as aulas nos próprios corredores por falta de salas de aula em condições próprias para uso. Se o maior impedimento da escola for a falta de salas ou de verbas para sua implementação de aparatos de estudo, o laboratório de preservação de arte contemporânea pode vir a ser um laboratório virtual. A urgência é que ele exista e comece a tomar forma. Vivemos na época em que criamos em um segundo uma sala virtual que pode reunir todos aqueles que querem começar a discussão da problemática da preservação da arte contemporânea na EBA. O restante, é uma questão institucional. Precisar de aprovação do departamento competente à área de conhecimento e todas as outras instâncias formais para a criação de mais uma vertente produtiva na academia. Quem tomará o primeiro passo: a demanda dos alunos ou a ação departamental? Meu maior receio seja que nenhum dos dois - e aqui todos falhamos. Falhamos porque até enquanto egressos, sabemos que estamos perdendo a oportunidade de ter um núcleo

de pesquisa efervescente produzindo conhecimento científico acerca do tema e que nós não podemos nos beneficiar deles em nosso cotidiano de trabalho ou na continuação de estudos superiores. Dado o tamanho e a complexidade da temática, é de extremo benefício ter um grupo conciso e constante que troque informações e construa conhecimentos sobre o assunto. É utópico acreditar que os poucos estudiosos dispersos conseguirão sozinhos o resultado que um grupo engajado, com apoio acadêmico conseguiria alcançar. E nós precisamos deles, porque todos nós estamos incluídos nesse diálogo quando o tema posto em cheque é algo que diz respeito a bens compartilhados em sociedade (obras de arte), bens produtores de fontes de cultura e transformação social. A Universidade pública é um compromisso social para com todos. Todos que passam, passaram e que passarão por ela, possuem sua cota de dever de entrega de um saldo positivo com a oportunidade que lhes foi dada. Nada acaba após receber um diploma, é um compromisso contínuo onde nós temos de estar aqui para apoiar quem está lá dentro, assistindo, acompanhando, engajando e incentivando que os alunos não se contentem com energia de inércia quanto às mudanças essenciais a serem realizadas (ainda mais para cursos de menor destaque popular, com é no caso da conservação e restauração). Repensemos nossa trajetória até aqui e verifiquemos se a razão pela qual não temos um laboratório de preservação de arte contemporânea (CR-EBA-UFRJ) é porque há outros problemas mais urgentes que este ou, este mesmo, dada toda a argumentação vista aqui, apenas entrou para a lista dos problemas latentes da Universidade e em função de si, não se resolve. Toda carência é um problema em meio a tantos outros, até que seja suprida. Teremos um bastião que levará a causa em frente ou apenas continuaremos sendo levados (atropelados) pela causa? Somos responsáveis pelas coisas que fazemos e pelas quais nos abstermos de fazer, qual é a parte de responsabilidade que você escolhe tomar?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS:

Informações Institucionais – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://eba.ufrj.br/institucional/>>. Acesso em 04.06.2022

BIMBATI, Ana Paula. **Educação UOL Notícias**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/06/04/entrevista-reitora-ufrj-primeira-universidade-brasil.htm>> Acesso em 04.06.2022